



Rede São Paulo de

Formação Docente

Cursos de Especialização para o quadro do Magistério da SEESP
Ensino Fundamental II e Ensino Médio

São Paulo
2011



UNESP – Universidade Estadual Paulista
Pró-Reitoria de Pós-Graduação
Rua Quirino de Andrade, 215
CEP 01049-010 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 5627-0561
www.unesp.br



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria de Estado da Educação
Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas
Gabinete da Coordenadora
Praça da República, 53
CEP 01045-903 – Centro – São Paulo – SP



**SECRETARIA
DA EDUCAÇÃO**



Ficha da Disciplina:

Ética



Autores:

Reinaldo Sampaio (Unesp-Marília) e

Antonio Trajano Menezes Arruda (Unesp-Marília)



Reinaldo Sampaio Pereira, professor de História da Filosofia Antiga da UNESP de Marília. Graduado em Filosofia pela Unicamp (1996); mestre em Filosofia pela Unicamp (1999); doutor em Filosofia pela Unicamp (2006); pós-doutor em Filosofia pela USP (2009). Desenvolve pesquisa em Aristóteles desde a graduação, mais especificamente nas áreas de Metafísica e Ética

Antonio Trajano Menezes Arruda, Doutor em Filosofia pela University of Oxford - UK. Professor das disciplinas *Filosofia Geral e problemas metafísicos* e *Introdução à leitura dos textos filosóficos* do Curso de Graduação em Filosofia da UNESP – campus de Marília.

Ementa:

Primeiramente o curso aborda problemas e discussões ética na filosofia antiga, sobretudo nas filosofias de Platão e Aristóteles, filósofos que, de alguma forma, estabeleceram muitos dos conceitos éticos com os quais a filosofia trabalhou ao longo dos séculos. Num segundo momento, o curso introduz algumas questões acerca do problema da conduta moral.

Palavras-chave:

Ética, moral, conduta, arbítrio, bem.



Estrutura da Disciplina

Ética	Tema 1 – A Ética na literatura grega dos trágicos e na filosofia socrático-platônica	1.1. A Ética na literatura grega anterior a Sócrates
		1.2. A Ética nos diálogos de Platão
		1.3. Ética e Teoria das Idéias nos diálogos de Platão
	Tema 2 – A Ética em Aristóteles	2.1. Uma nova proposta de modelo ético em relação ao modelo socrático-platônico
		2.2. A vida feliz.
		2.3. Um certo relativismo no modelo ético aristotélico
	Tema 3 – Sobre a conduta Moral – Parte 1	3.1. A Dimensão Moral
		3.2. Contrato e Conduta Moral
		3.3A natureza do culpar e desculpar
	Tema 4 – Sobre a conduta Moral – Parte 2	4.1 Utilidade, retribuição e atitudes morais



Sumário

Ementa:	2
Palavras-chave:	2
1. A Ética na literatura grega dos trágicos e na filosofia socrático-platônica	5
1.1. A Ética na literatura grega anterior a Sócrates.....	5
1.2. A Ética nos diálogos de Platão	7
1.3. Ética e Teoria das Idéias nos diálogos de Platão	10
Bibliografia:	13



1. A Ética na literatura grega dos trágicos e na filosofia socrático-platônica

O propósito dos três tópicos que compõem esse texto é o de, primeiramente, buscar uma certa compreensão da educação ética do homem grego no período anterior a Sócrates, para, então, nos próximos dois tópicos, começar a análise de alguns elementos componentes de um novo modelo ético, o socrático-platônico, no qual a razão terá papel preponderante para a determinação das ações moralmente boas.

1.1. A Ética na literatura grega anterior a Sócrates

Tornou-se comum, no meio filosófico, a distinção entre moral e ética, no sentido (em linhas gerais) que a moral diria respeito ao corpo de regras que funciona como paradigma para a determinação das ações moralmente boas ou más em um grupo social, e a ética seria a disciplina teórica que teria como objeto de estudo crítico a moral. A palavra “moral” é derivada de *mos*, *mores*, termo latino para verter o termo grego *ethos*, de onde deriva a palavra ética. Visto que é anacrônico empregar o termo “moral” quando se trata da ética grega do período dos trágicos, de Sócrates, de Platão, de Aristóteles, e considerando que, quando o termo é empregado pelos latinos, não recebe a distinção supramencionada, quando utilizarmos a palavra ‘moral’ em expressões como ‘moralmente boa’, não estaremos fazendo qualquer distinção entre ‘moral’ e ‘ética’, mas estaremos tomando ambos os termos como sinônimos. A Ética tem então o seu nome (assim como vários outros tantos conceitos da Filosofia) derivado do grego, derivado de *ethos*, que comumente é vertido para o Português como hábito, costume. Daí não se segue que a Ética tem como grande propósito mapear os costumes de um grupo social para, então, elaborar um corpo de regras a partir de tal mapeamento. A Ética tem muito menos como propósito examinar como as coisas são, como são os hábitos e costumes de uma comunidade, como os indivíduos dessa comunidade agem normalmente nas inter-relações pessoais, do que examinar como os indivíduos, como agentes morais, deveriam agir. A Ética, à semelhança de outras disciplinas, tem como uma das suas funções propiciar uma boa organização nas diversas sociedades para que os seus indivíduos possam nela viverem bem. Para isso, não basta constatar como são as ações dos indivíduos, mas tratar de como eles deveriam agir para que a sociedade



venha a se manter organizada e, com isso, possa promover uma boa vida para os indivíduos.

A literatura da Grécia antiga apresenta, desde os seus relatos mais antigos, importantes problemas éticos, ainda que eles não fossem explicitados como objetos de estudo. Entre os poetas trágicos, questões éticas de extrema relevância foram apresentadas, como sobre a possibilidade de imputar ao agente moral a responsabilidade da sua ação, se ela foi realizada sem consciência das circunstâncias em que a ação ocorreu, como no célebre caso do Édipo que mata o pai sem saber que era o seu pai. Atentemos que, ainda hoje, saber se o agente tinha consciência das suas ações pode ser crucial para poder responsabilizar alguém tanto do ponto de vista moral como até mesmo do ponto de vista jurídico.

Vale observar que, tendo tratado de questões relevantes, a Ética grega não consiste em conjuntos de regras ou teorizações que ficaram na totalidade ou em sua maior parte circunscritas a um momento embrionário das investigações éticas e que estão guardadas em uma redoma aberta apenas para uma certa erudição pouco profícua para suscitar novos problemas éticos ou possíveis resoluções de problemas postos por novos modelos éticos. Muito mais do que isso, a ética grega antiga auxilia, em muito, a análise ética de uma perspectiva histórica, uma vez que autores como Platão e Aristóteles tiveram profunda influência na posteridade. Os gregos têm importância hoje no domínio ético também por suscitarem problemas ainda atuais e por apresentarem alternativas que contribuem, e muito, para pensar questões éticas. Nesse sentido, vale observar que a ética aristotélica tem sido consultada até mesmo para trazer para o debate ético elementos (como o resgate da discussão do *acrático*, do *phrónimos*, de um fim a ser buscado que orientaria as discussões éticas e deve orientar as ações dos agentes morais, etc) que ajudam a fazer contraponto inclusive com o modelo ético universalista kantiano. Dito isso, faz-se necessário examinar o que os gregos antigos nos apresentaram acerca da ética não apenas para pensar a História da Filosofia no concernente à Ética, mas também para ajudar a pensar questões éticas independentemente de qual autor ou escola as teriam apresentado.

Ainda que haja uma variada gama de questionamentos éticos na literatura anterior a Aristóteles, talvez seja exagerado querer encontrar, em tais textos, uma Ética tal como nós a conhecemos em Aristóteles, em cujos textos éticos encontramos objeto de estudo bem determinado, com modelo investigativo próprio a tal objeto e com características específicas de tal análise (nesse sentido, o modelo investigativo na ética se distingue radicalmente do modelo investi-



gativo metafísico ou das matemáticas). Os textos de Hesíodo e sobretudo os textos atribuídos a Homero faziam parte da educação do homem grego, inclusive em relação a sua formação ética. Obviamente não por trazerem pormenorizadas discussões éticas, mas por apresentarem modelos de comportamento, modelos de como o homem grego no geral deveria se portar em diversas situações. Nesse sentido, os deuses e os heróis da *Iliada* e da *Odisséia* eram de certo modo apresentados como modelos de comportamento. As ações dos deuses e de heróis eram tomadas como paradigmas para as ações humanas. Há, portanto, nos textos dos trágicos, de Hesíodo e, sobretudo, os atribuídos a Homero, certas determinações de como deve o indivíduo agir para tornar-se moralmente bom. Para percebermos a importância da educação do homem grego a partir dos textos atribuídos a Homero, lembremos, por exemplo, que na *República*, sob diversos aspectos um dos diálogos mais importantes de Platão, quando em diversos momentos Sócrates pensa a educação na cidade ideal, ele o faz, em grande medida, a partir dos textos atribuídos a Homero.

Em um rápido exame geral da Ética grega, talvez seja de bom tom não gastar muita tinta com os filósofos pré-socráticos, porque, de modo geral, eles não tiveram como objeto de investigação questões éticas. Os pré-socráticos se notabilizaram especialmente pelas suas investigações acerca da natureza, acerca do mundo, acerca da possibilidade ou não de ter acesso ao mundo e, a partir daí, poder falar sobre ele. Parece-nos conveniente, também, não nos determos nos sofistas (hábeis professores de retórica que ganharam fama e muito dinheiro por trabalharem a forma do discurso de modo tal a fazê-lo forte; por trabalharem a forma do discurso com tal destreza a ponto de fazer parecer que é o que não é, a ponto de discorrerem sobre falsidades dando a elas aparência de verdades). Ainda que os sofistas tivessem grande preocupação com a elaboração astuciosa (podendo ser falsa) do discurso com o intuito, em grande medida, de favorecer politicamente aqueles que participavam dos debates que determinavam os destinos da *polis* na ágora da Atenas democrática, essa preocupação, com grandes reflexos na política, não fez com que tomassem a ética como objeto investigativo.

1.2. A Ética nos diálogos de Platão

Com Platão, a Ética ganha atenção especial. É comum na literatura especializada nos diálogos de Platão dividi-los em grupos. Uma dessas divisões diz respeito à cronologia na elabo-



ração dos diálogos. Uma delas comporta 3 momentos: no primeiro momento, o qual mais nos interessará aqui, corresponde aos diálogos escritos na juventude (o segundo momento é o dos diálogos de maturidade e, por fim, no terceiro momento, os diálogos de velhice), denominados diálogos aporéticos, isto é, diálogos que acabavam em aporia, em dificuldade, sem se chegar à definição do objeto investigativo motivador do diálogo. Tais diálogos chegam ao fim sem o esclarecimento de certas dúvidas, de certos questionamentos, não sendo obtido conhecimento seguro acerca do objeto investigado. Esses diálogos têm como protagonista Sócrates que, diferentemente dos pré-socráticos, irá dar grande atenção ao homem enquanto objeto de estudo, sobretudo no que diz respeito à Ética.

Com Sócrates, o homem se torna, de modo mais acentuado, objeto de investigação. Não investigação do ponto de vista biológico, mas de um ponto de vista ético, portanto de um ponto de vista em que o homem é examinado sobretudo em relação às suas ações, mas não propriamente como eles agem cotidianamente. Em relação ao modo como os homens agem cotidianamente, principalmente como agem bem, em grande medida a partir de paradigmas dados por heróis e deuses em textos como a *Iliada* e a *Odisséia*, esse não é o modelo buscado por Sócrates. Se, por um lado, Sócrates, como homem grego, foi educado também com os textos atribuídos a Homero, valendo-se de tais textos em suas conversas com os interlocutores, por outro lado, Sócrates não aceita por completo o modelo educativo dos textos atribuídos a Homero. Na própria *República* Sócrates propõe censura a partes de tais textos.

No concernente à Ética, Sócrates parece propor novidades. Ao invés de aceitar plenamente o modelo ético cujos paradigmas das ações moralmente boas seriam dados pelos textos que ajudaram a educar o homem grego, Sócrates propõe um novo modelo, onde as ações moralmente boas seriam determinadas não por modelos já dados, mas, de certo modo, por paradigmas a serem buscados pela razão. A razão, de certo modo, poderia direcionar o homem para as boas ações. Mas como fazê-lo? Tal busca figura em vários diálogos de Platão, mas não se encontra de modo sistemático e concentrado em um ou outro diálogo, estando distribuída nos mesmos, sobretudo nos diálogos aporéticos de juventude. A partir do conjunto de informações dadas nos diversos diálogos é possível chegar a alguns elementos próprios à discussão ética socrática.

Se, por um lado, Sócrates não aceita por completo os paradigmas dados (sobretudo nos textos atribuídos a Homero) para a determinação da ação moralmente boa, por outro, ele



necessita propor outros paradigmas, outros orientadores do agente, para que este possa realizar ações moralmente boas. Não parece ser a proposta socrática atribuir aos deuses as causas das nossas ações, como se os homens fossem marionetes dos deuses. Por outro lado, Sócrates parece propor que as nossas ações e, conseqüentemente, o nosso modo de vida, se bom ou ruim, não podem ser obra do acaso. Nesse sentido, em uma certa proposta socrática, o bem do homem não é determinado exclusivamente pelas contingências externas. Pelo contrário: ainda que Sócrates não pareça eliminar o peso das contingências externas para a possibilidade ou não do agente poder agir bem e, com isso, poder viver bem, ele parece sustentar que cabe ao agente ter certo controle das nossas ações e, portanto, ter certo controle das ações moralmente boas que podemos engendrar.

Para isso, Sócrates volta a sua atenção, enquanto objeto da sua investigação, não para o corpo, o qual não é o responsável primeiro pelas ações do agente, mas para a alma, a qual seria a motivadora das ações. Nesse sentido, a investigação ética socrática ganha certo viés psicológico. Sócrates propõe uma divisão tripartite da alma. A alma teria uma parte apetitiva, a qual inclinaria o agente a realizar ações para satisfazerem-na. Essa parte da alma seria a responsável pelos prazeres, pelas inclinações do agente para satisfazer as necessidades que aparentam ser prazerosas. Se, em Sócrates, a boa vida do homem não parece estar sujeita ao acaso, não é sendo guiado pela parte apetitiva da sua alma que o agente conseguirá viver bem, conseguirá uma boa vida, pois a parte apetitiva da alma pode se deixar guiar, muitas vezes, por aquilo que aparenta ser bom sem, de fato, ser bom.

Comer chocolate e outros doces pode aparentar ser bom para uma criança na medida em que pode satisfazer a sua inclinação para a satisfação dos seus desejos, mas a criança se alimentando regularmente de chocolate e outros doces, sem qualquer orientação, pode, de imediato, satisfazer as suas inclinações imediatas motivadas pela parte apetitiva da sua alma e, com isso, ter prazer, tendo a crença que está fazendo um bem a si mesmo. Mas pode ser que essa criança possa vir a ter brevemente problemas de saúde por consumir exageradamente os doces. Aquilo que parece ser um bem não é, necessariamente, de fato, um bem. É possível o engano em relação ao bem. Sem a devida orientação, a criança pode estar gerando para si, sem ter clareza disso, mais mal que bem. Como, então, poder ser bem orientado segundo o bem não meramente aparente, mas o bem de fato?



O que parece ser o bem pode se apresentar de múltiplos modos. Nesse sentido, algo pode ser bom para Sócrates e não para Glauco, ou então uma ação pode ser justa e boa em certo momento e não em outro. E ainda: algo pode ser bom para um indivíduo 'x' em determinado momento e, para o mesmo indivíduo 'x', ruim em outro momento. Restituir aquilo que é devido a alguém nem sempre pode ser algo justo e bom, como Sócrates argumenta no livro I da *República*. Restituir armas quando um indivíduo 'x' está são pode ser justo e bom, mas pode não ser se ele não estiver são, podendo tal restituição vir a gerar problemas para tal indivíduo 'x'. Face à possibilidade de engano acerca do que é o bem, a virtude, o justo, e face à aparente multiplicidade de bens, do que é virtuoso ou do que é justo, como uma concepção múltipla e talvez meramente aparente de bem pode ser guia para as ações de um agente moral? Como detectar o que de fato é o Bem para que o mesmo possa bem guiar as ações do indivíduo, conduzindo-o às boas ações, aquelas que lhe possibilitam viver bem? Esses são difíceis problemas que Sócrates necessita enfrentar na apresentação de um modelo ético novo. Ele, então, recorrerá ao que se convencionou chamar de Teoria das Formas ou Teoria das Idéias para enfrentar tais problemas.

1.3. Ética e Teoria das Idéias nos diálogos de Platão

Relembrando rapidamente, de modo bastante geral, alguns pontos da Teoria das Idéias concernentes à discussão ética apresentada nos diálogos de Platão: Sócrates propõe a separação do mundo em sensível e inteligível. O mundo sensível seria apreensível pelos sentidos, apreensão essa que não oferece o conhecimento acerca do mundo, mas apenas opiniões sobre ele, uma vez que os entes existentes no mundo, que são múltiplos e em transformação, são apenas cópias imperfeitas da verdadeira realidade, a das Idéias, realidade essa una e imutável, apreensíveis pela razão.

Através dos sentidos apreendemos, por exemplo, as múltiplas árvores existentes no mundo, que estão em processo de transformação, de vir-a-ser. As árvores do mundo (que estão em processo de transformação, em devir) não correspondem à verdadeira realidade e não nos possibilitam sequer conhecer o que é a árvore, que é uma Idéia una e imutável. Se a árvore fosse uma laranjeira e se a laranjeira correspondesse à idéia de árvore, então, uma jabuticabeira, que é bem diferente, ou não poderia ser árvore ou a idéia de árvore teria que ser múltipla. Se fosse



múltipla, ela teria que ser tão múltipla quantos são os tipos de árvores. Se as árvores são infinitamente diferentes, as idéias de árvores seriam infinitamente diferentes, não nos possibilitando conhecer o que é árvore, pois “árvore” receberia infinitos significados. A proposta socrática é que se faz necessária uma Idéia una das coisas, como a de árvore, para que, ao se falar de árvore, algo determinado seja compreendido. As múltiplas árvores (em devir) do mundo só são reconhecidas enquanto tais por participarem da idéia una de árvore. As Idéias asseguram o plano do conhecimento na proposta socrática. Quanto a certo modelo ético proposto por Sócrates nos diálogos de Platão, ele pressupunha o conhecimento, portanto as Idéias.

Do mesmo modo que no supramencionado exemplo da árvore: face aos múltiplos bens ditos das múltiplas coisas e situações do mundo não seria possível o conhecimento acerca do Bem, conhecimento esse necessário para se poder agir bem. Em um certo modelo ético socrático, o conhecimento das boas ações necessariamente conduziria o agente às boas ações. Só agiria mal quem desconhecesse como agir bem. Uma razão bem cultivada conduziria o agente às ações moralmente boas. Educar bem o agente, do ponto de vista ético, pressuporia fazê-lo ter acesso às idéias de virtude, justiça, bem, etc.

Sócrates parece propor um modelo ético intelectualista (no qual a razão bem cultivada é suficiente para a determinação das ações moralmente boas) segundo o qual as ações do agente: 1) não dependeriam dos desígnios dos deuses, 2) não estariam totalmente sujeitas ao acaso dado pelas contingências do mundo, 3) nem tampouco dependeriam dos impulsos da parte apetitiva da alma, a qual pode conduzir a ações aparentemente boas que, de fato, não o são, ou até mesmo para ações que manifestamente não são boas. A vida guiada pelas paixões e não orientada por certa razão, a qual possibilita conhecer o que é a virtude, o Bem, pode apenas acidentalmente conduzir o agente à boa vida. É preciso ao homem, então, não se deixar guiar pelas suas paixões, semelhante a um barco à deriva, em que é conduzido para o lado que o vento e as ondas o levarem, sem qualquer capacidade de ser guiado. O destino de tal barco é dado pelas contingências do momento na região do mar em que está. A vida do homem não pode, de modo semelhante, estar sujeita às contingências do mundo. Para o barco poder ir a algum lugar determinado de modo não acidental é preciso que alguém tome o seu leme. De modo semelhante: é preciso que algo no homem tome o leme da sua vida, das suas ações. A parte intelectual da alma será a responsável por dar certo rumo às ações, à vida do agente. Para isso, faz-se necessário ascender às Idéias, faz-se necessário ao intelecto controlar os impulsos



do agente de modo a ele poder agir bem, poder alcançar a boa vida.

Nesse modelo socrático, as ações são realizadas pelos homens, aos quais pode ser imputada a responsabilidade das suas ações. Mas se, por um lado, Platão apresenta certo modelo ético intelectualista proposto por Sócrates, por outro lado, no diálogo *Mênon* é levantada a objeção que a razão não seria suficiente para conduzir o agente às ações moralmente boas ao se suspeitar que um agente não pode se transformar em virtuoso através da aprendizagem meramente racional. Nesse sentido, Sócrates questiona no *Mênon*: se a virtude pudesse ser ensinada, por que Péricles não teria feito dos seus filhos homens virtuosos? Começa-se a levantar a suspeita que o acesso às Idéias não seria suficiente para tornar o agente virtuoso. Platão, então, começa a atenuar a função da razão que ascende às Idéias como guia uno e infalível para as boas ações, como capaz de exclusivamente engendrar as ações moralmente boas.

Aristóteles, por sua vez, não poderá aceitar o intelectualismo do modelo socrático, atenuado por Platão, por uma razão bastante simples: Aristóteles não aceita a Teoria das Idéias de Platão, rechaça a divisão do mundo em sensível e inteligível, negando também a idéia de participação (a qual, na Teoria das Formas, possibilita que ambos os mundos, sensível e inteligível, não sejam intransponíveis um ao outro). Negando o modelo dos diálogos de Platão, Aristóteles não tem mais as Idéias para, de certo modo, orientar o agente para a determinação da ação moralmente boa. Não atribuindo aos deuses a responsabilidade das ações moralmente boas do agente moral e também não delegando ao acaso ou às contingências do mundo a possibilidade da ação moralmente boa, uma vez que recusa o modelo dos diálogos de Platão, Aristóteles necessitará de outro guia para orientar o agente moral para as ações moralmente boas e, conseqüentemente, para a boa vida. Essas recusas de Aristóteles em relação ao modelo dos diálogos de Platão fará com que Aristóteles apresente um modelo ético sob muitos aspectos bem diferente do modelo dos diálogos platônicos.

12

Aristóteles atribui grande importância aos impulsos da parte da alma responsável pelos desejos, os quais se convertem em móveis das ações, mesmo as que são consideradas moralmente boas. Se, no modelo apresentado nos diálogos, a parte apetitiva da alma deveria estar sujeita à parte intelectual, a qual seria a responsável pela determinação da ação moralmente boa, em Aristóteles, a parte responsável pelos desejos assumirá grande importância para o engendramento das ações, mesmo as moralmente boas. O que é da ordem dos apetites e dos desejos não



deverá ser subjugado pelas determinações da razão, mas deverá ser conduzido para que, bem orientado, possa ser desejo do que é bom, do que é virtuoso, levando às boas e virtuosas ações. No novo modelo proposto por Aristóteles, saber como agir não implica necessariamente em agir segundo o conhecimento de como agir, pois os desejos se apresentam como móveis das ações no modelo aristotélico. É possível ao agente moral saber como deveria agir para agir bem e, ainda assim, ter o desejo de realizar ações contrárias às boas ações. Vejamos, então, a seguir, o novo modelo ético proposto por Aristóteles.

Bibliografia:

- BENOIT, Hector. *Estudos sobre o diálogo Filebo de Platão*. Ed. Unijuí, Ijuí-RS, 2007.
- BRAGUE, Remi. *Introdução ao Mundo Grego: estudos de história da Filosofia*, Loyola, 2007.
- BRUNSCHWIG, Jacques. *Estudos e exercícios de Filosofia Grega*, Loyola e PUC-Rio, São Paulo-SP, 2009.
- FINLEY, Moses I. *O legado da Grécia: uma nova avaliação*, Ed. UNB, Brasília-DF, 1981.
- GOLDSCHMIDT, Victor. *Os diálogos de Platão: estrutura e método dialético*, Loyola, São Paulo-SP, 2002.
- HADOT, Pierre. *O que é a Filosofia Antiga?* Loyola, São Paulo-SP, 2004.
- JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*, Martins Fontes, São Paulo-SP, 1989.
- KIRK, G. S. e RAVEN, J. E. *Os filósofos pré-socráticos*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa-Portugal, 1982.
- MAGALHÃES-VILHENA, VASCO. *O problema de Sócrates: o Sócrates histórico e o Sócrates de Platão*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa-Portugal, 1984.
- NUSSBAUM, MARTHA C. *A fragilidade da bondade: Fortuna e ética na tragédia e na filosofia grega*, Martins Fontes, São Paulo-SP, 2009.



- PAPPAS, Nickolas, *A República de Platão*, edições 70, Lisboa, Portugal, 1995.
- PERINE, M. (Org.). *Estudos Platônicos: sobre o ser e o aparecer, o belo e o bem*, Loyola, São Paulo-SP, 2009.
- PIETTRE, Bernard. *Platão, a República: livro VII*, Ed. UNB e Ed. Ática, São Paulo SP, 1981.
- REALE, Giovanni. *Para uma nova interpretação de Platão*, Loyola, São Paulo-SP, 1997.
- ROBINSON, T. M. *As origens da alma: os gregos e o conceito de alma de Homero a Aristóteles*, Annablume editora, São Paulo-SP, 2010.
- TRABATTONI, F. *Platão*, Annablume editora, São Paulo-SP, 2010.
- VÁZQUEZ, A. S. *Ética*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro-RJ, 2008.
- VERNANT, J. P. *As Origens do Pensamento Grego*, Difel, Rio de Janeiro-RJ, 2009.
- ZINGANO, Marco. 'Virtude e saber em Sócrates', in *Estudos de Ética Antiga*, Discurso Editorial, São Paulo-SP, 2007, pp. 41-72.

Pró-Reitora de Pós-graduação
Marilza Vieira Cunha Rudge

Equipe Coordenadora
Cláudio José de França e Silva
Rogério Luiz Buccelli
Ana Maria da Costa Santos Menin

Coordenadores dos Cursos
Arte: Rejane Galvão Coutinho (IA/Unesp)
Filosofia: Lúcio Lourenço Prado (FFC/Marília)
Geografia: Raul Borges Guimarães (FCT/Presidente Prudente)
Inglês: Mariangela Braga Norte (FFC/Marília)
Química: Olga Maria Mascarenhas de Faria Oliveira (IQ Araraquara)

Equipe Técnica - Sistema de Controle Acadêmico
Ari Araldo Xavier de Camargo
Valentim Aparecido Paris
Rosemar Rosa de Carvalho Brena

Secretaria
Márcio Antônio Teixeira de Carvalho

NeaD – Núcleo de Educação a Distância (*equipe Redefor*)

Klaus Schlünzen Junior
Coordenador Geral

Tecnologia e Infraestrutura
Pierre Archag Iskenderian
Coordenador de Grupo

André Luís Rodrigues Ferreira
Marcos Roberto Greiner
Pedro Cássio Bissetti
Rodolfo Mac Kay Martinez Parente

Produção, veiculação e Gestão de material

Elisandra André Maranhe
João Castro Barbosa de Souza
Lia Tiemi Hiratomi
Liliam Lungarezi de Oliveira
Marcos Leonel de Souza
Pamela Gouveia
Rafael Canoletti
Valter Rodrigues da Silva